

Por que o Sul Global envia tropas para as operações de paz da ONU?

Thomas G. Weiss e Giovanna Kuele

África, Ásia e América Latina desdobram, juntas, mais de 90% do [pessoal militar e policial](#) para as operações de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas (ONU), enquanto contribuem com cerca de [15% do orçamento de peacekeeping da organização](#). Cabe notar que a China - dificilmente representante legítima do Sul global, por ser a segunda maior economia do mundo e membro permanente do Conselho de Segurança da ONU - inflaciona este último número, porque sua contribuição financeira representa dois terços dos 15% do orçamento.

Hoje, o Ocidente paga a conta financeira, ao passo que reduziu drasticamente sua contribuição militar e policial desde os anos 1990, quando o contexto operacional se tornou mais perigoso. Nesse momento, os países desenvolvidos pararam de enviar seu pessoal a lugares onde eram altos os riscos e baixos os interesses nacionais, e passaram a “contratar ajuda” do Sul global.

Essa realidade não implica necessariamente em uma abordagem multilateral mais favorável aos países em desenvolvimento, nem quer dizer que eles hesitam em explorar sua presença avassaladora de “boots on the ground” para buscar seus próprios interesses. Na verdade, existem três explicações principais sobre por que e como os países do Sul global contribuem para as operações de paz da ONU: cooperação regional, reconhecimento e prestígio, e benefícios financeiros.

Os interesses regionais ajudam a explicar por que os países africanos contribuem, desde 2013, com grande parte das tropas no continente onde está a maioria dos conflitos armados e das forças de paz. A Etiópia é o principal país contribuinte de militares e de policiais (T/PCC), contribuindo com [7.597 capacetes azuis](#). Esse total está praticamente todo empregado nas três missões desdobradas em dois países fronteiriços (Sudão e Sudão do Sul). Além disso, a Etiópia também conta com mais de 4.000 tropas na Missão da União Africana na Somália (AMISOM). Segurança nacional e interesses econômicos estão envolvidos na tentativa de conter a contaminação da violência no Chifre africano. A regionalização das operações de paz apresenta desvantagens óbvias—como a priorização de agendas próprias em detrimento à do país que enfrenta conflitos armados—, mas também tem vantagens devido à proximidade geográfica: os T/PCCs geralmente partem de um contexto comum e são capazes de desdobrar tropas de modo mais rápido que países mais distantes. Embora governos ocidentais critiquem tanto o treinamento inadequado como o equipamento rudimentar de muitos dos atuais T/PCCs, eles não estão dispostos a enviar suas tropas para as perigosas missões sob a bandeira da ONU.

Interesses regionais também foram fundamentais para a participação dos países sul-americanos na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Como potência

regional, o Brasil procurou aumentar sua visibilidade internacional por meio da MINUSTAH, principalmente para fortalecer sua posição em busca de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Juntamente com outros países emergentes, como Índia e África do Sul, a política externa brasileira reivindica um Conselho mais representativo. Assim, eles buscam não somente um processo de tomada de decisão na ONU que seja mais inclusivo, como também almejam avançar suas próprias agendas de política externa.

A China, por sua vez, é o único membro do P-5 que também é um importante contribuinte de tropas. No início, chegou a desdenhar das operações de manutenção da paz, enviando tropas pela primeira vez somente em 1992 para a Missão de Transição da ONU no Camboja (UNTAC). O país começou a contribuir substancialmente já no século XXI, classificando-se atualmente como o 10º maior T/PCC. Além disso, por causa do crescimento de seus negócios internacionais, [tornou-se mais elástica](#) a sua tradicional oposição à interferência nos assuntos internos de outros países, especialmente na África, como sugerido por seu envolvimento - tanto com capacetes azuis quanto com diplomatas - na Missão da ONU no Sudão do Sul (UNMISS).

No sul asiático, Índia e Paquistão também têm procurado avançar suas respectivas imagens públicas, talvez como reflexo de sua própria rivalidade e como beneficiários da segunda mais antiga operação de paz da ONU, na Caxemira desde 1949 (UNMOGIP). A Índia é o quarto maior T/PCC e contribui de maneira regular para as operações de paz. O Paquistão, sexto maior T/PCC, passou a contribuir de maneira significativa somente após os anos 1990. Bangladesh, por sua vez, é o segundo maior T/PCC e tem participado de forma consistente nas operações de manutenção da paz nas últimas três décadas. Países com economias fracas, como Bangladesh, costumam contribuir com militares e policiais devido aos benefícios derivados de uma compensação comparativamente atraente para os soldados, bem como os reembolsos ao país.

Dois painéis da ONU ajudam a situar melhor as políticas dos contribuintes de tropas: o [Painel sobre Operações de Paz das Nações Unidas](#) (Painel Brahimi), em 2000, e o [Painel Independente de Alto Nível sobre Operações de Paz das Nações Unidas](#) (HIPPO), em 2015. Seus relatórios refletiram a evolução das políticas e normas que regem as operações de paz—tanto para as operações mais tradicionais, quanto para as mais robustas. Enquanto algumas recomendações do relatório Brahimi refletiam as demandas dos P/TCCs do Sul global (por exemplo, mais acesso a *briefings* do Secretariado e maior participação em debates do Conselho de Segurança), outras encontraram resistência, incluindo a sugerida criação de uma unidade de Informação Eletrônica e Análise Estratégica no Secretariado.

Em 2015, ao contrário de 2000, a maioria dos membros do HIPPO era proveniente do Sul global e, ao longo do processo, foram feitas [amplas consultas](#) aos Estados membros e a organizações da sociedade civil de vários países. Mesmo assim, o relatório da HIPPO também deu destaque a preocupações que não foram tão bem recebidas pelo Sul global, a exemplo da recomendação por uma série de medidas para garantir a responsabilização dos envolvidos em casos de exploração e abuso

sexual (SEA). O Ocidente (especialmente os EUA), em vez de se concentrar em medidas para lidar com traumas e responsabilização, usou as suspeitas de SEA contra T/PCCs do Sul global, entre outras coisas, para deslegitimar e descartar suas demandas por mudança no sistema ONU.

Entre os países do Sul Global, outras questões destacadas pelo relatório HIPPO levantaram divergências diplomáticas e resultaram em desacordo, principalmente no que tange à militarização das operações de manutenção da paz, apoiada principalmente por países ocidentais e africanos. A preocupação foi concretizada por meio dos [Princípios de Kigali sobre a Proteção de Civis](#), defendidos por Ruanda e apoiados por alguns dos maiores T/PCCs e muitos países ocidentais. No entanto, China, Rússia, Índia e Paquistão nunca os endossaram.

Sem surpresas, a primazia da política, expressamente defendida pelo relatório HIPPO, é evidente nas operações de paz da ONU. As motivações para contribuir com tropas ou apoiar novas iniciativas variam entre os países: nesse aspecto, há mais nuances do que o rótulo “Sul global” sugere. Apesar disso, estes países têm desempenhado um papel ativo em moldar a natureza e os debates das operações de paz. Se os capacetes azuis continuarem a ser desdobrados em contextos perigosos, os desafios operacionais, sem dúvida, se tornarão mais contestados, juntamente com as políticas que cercam seus desdobramentos.

Thomas G. Weiss é Professor de Ciência Política no Graduate Center da City University of New York. Giovanna Kuele é doutoranda na mesma universidade e pesquisadora não-residente do Instituto Igarapé. A versão original em inglês foi publicada em fevereiro de 2019 no [PassBlue](#); para a versão completa, ver o [E-International Relations](#).

Weiss, T. G. e Kuele, G. “Por que o Sul Global envia tropas para as operações de paz da ONU?”. City University of New York. Publicado em 25/03/2019. Disponível em: <https://rebrapaz.com/o-que-pensamos/>.